

AGNES MARIÁ



SOU



Instituto
Estadual
do Livro

Coleção (Di)Verse

Governador do Estado do Rio Grande do Sul

Eduardo Leite

Secretário de Estado da Cultura

André Kryszczun

Diretor do Instituto Estadual do Livro

Silvio Bento

Instituto Estadual do Livro

Rua André Puente, 318 – Porto Alegre (RS)

CEP 90035-150

iel.rs.gov.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M333s Mariá, Agnes

Sou / Agnes Mariá. / [Recurso Eletrônico]

– Porto Alegre; Instituto Estadual do Livro, 2022

124 f.

Recurso online (e-book) : il.

ISBN: 978-65-89863-41-0.

1. Poesia brasileira - Rio Grande do Sul. 2. Poesia.
I. Título.

CDD - 869.1

Elaborada pela Bibliotecária: Mara Magda Soares CRB-10/2969

SOU

AGNES MARIÁ



PORTO ALEGRE, 2026

© 2026, Agnes Mariá

Direitos reservados desta edição: Instituto Estadual do Livro

Conselho Editorial/IEL: Luís Dill, Ruben Castiglioni, Vera Teixeira Aguiar

Edição/IEL: Estevão Cogoy

Diagramação/IEL: Fellipi Dalavia

Curadoria da Coleção Diverse: Nanni Rios

Projeto Gráfico: Gabriele Oliveira

Capa: Gabriele Oliveira

Editoração: Yasmim Amador

Revisão: Rejane Guerreiro

Literatura e ponto

A iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac), por meio do Instituto Estadual do Livro (IEL), lançou a proposta de publicar uma coleção de autores da comunidade LGBTQIA+. Surge num momento oportuno, que rende uma boa reflexão antes que você possa avançar nestas páginas e conhecer a produção poética (sim, poesia numa hora dessas, quem diria!) desses jovens escritores que eu tive o prazer de acompanhar ao longo de suas trajetórias e convidar para compor esta coleção. E, se estou aqui gastando a sua atenção com esta apresentação, é porque os versos que seguem representam muito mais do que a trajetória artística de Agnes Mariá, Natália Pagot e Pedro Cassel. Representam o contexto em que estão sendo publicados, de oportunidade e reconhecimento do valor simbólico e estético de uma produção literária mais livre e diversa por parte das instituições públicas, que deveriam zelar desde sempre para que cidadãos diferentes tenham direitos iguais. Mas a gente sabe que a história não foi sempre assim.

Dei toda essa volta para dividir com vocês uma constatação que ainda me causa assombro: em outros contextos, anteriores àquele em que se insere essa brilhante iniciativa da Sedac por meio do IEL, esses livros não seriam publicados e esses autores e autoras seriam silenciados e teriam sua dignidade questionada, não estariam mais aptos ao convívio em sociedade, perderiam seus postos de trabalho, talvez fossem expulsos de casa, excomungados da Igreja, apartados do direito

à educação e à saúde pela discriminação insuportável sofrida nesses ambientes, talvez apanhassem na rua ou até morressem sem ter expressado e vivido seu desejo e seus afetos livremente. E mais do que isso: não teriam emprestado suas subjetividades à literatura para elaborar os poemas que formam cada livro desta coleção. Isso sem falar em outros atravessamentos identitários (cor da pele, etnia, classe social, endereço, educação formal etc.) que justificam tacitamente ainda hoje – numa sociedade patriarcal e racista, que conserva seus vultos coloniais em formol – quem pode e quem não pode escrever, fazer arte, publicar um livro. É verdade que temos vivido, nos últimos anos, um período de emergência de outras narrativas: autorias negras, de mulheres, indígenas, quilombolas, periféricas e LGBTQIA+ viraram plaquinhas comuns de sinalização e catalogação em livrarias e bibliotecas.

O mesmo aconteceu nas curadorias de eventos literários, nos júris de prêmios e até nas listas de premiados. E isso é ótimo, sem sombra de dúvidas. Mas, enquanto o status quo literário insistir em desenhar no chão a linha da diferença que delimita até onde podemos avançar sem macular certos espaços, ainda haverá muito para ser feito por uma literatura mais diversa. É importante lembrar, à guisa de apresentação, que, enquanto essas caixinhas existirem, a literatura de autoria heterossexual, branca e cisgênera seguirá sendo a norma. E o status de dissidência nunca nos dará pleno gozo de visibilidade e direitos. Da mesma forma que essas marcas identitárias citadas – hetero, branca e cis – parecem estranhas, pois não são mencionadas, uma vez que não definem esteticamente a literatura produzida por tais autores e autoras, a nossa sexualidade ou identidade de gênero não define a estética da nossa produção literária: vocês

verão que Agnes Mariá, Natália Pagot e Pedro Cassel têm suas próprias dicções, baseadas em suas vivências diversas, referências plurais e oportunidades díspares.

Celebramos, sim, com muito orgulho, a existência de uma coleção que dá visibilidade à produção literária de autores e autoras LGBTQIA+ no portfólio do Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul, com a consciência de que isso é só o começo de uma mudança mais profunda, para que um dia nossos escritos sejam lidos como literatura e ponto.

Nanni Rios

Curadora da coleção DIVERSE

Primavera de 2022

Este livro é dedicado a todas as pessoas que o racismo não desbotou e que,
mesmo em meio a tanta violência, aprendeu a extrair da opressão a força
necessária para resistir à desumanização do racismo.

Você não está só

Sou todos.

Sou nós.

É catarse poética

É atentado lírico

É fogo para aquecer os desamparados e atear nos racistas

É legado de afeto e resistência

É resignificação de existências, em que a inquietação poética me permite
atar e entrelaçar: afeto, banzo, revolta, paixão e vivência

Agradecimentos

(independente sim, sozinha jamais!)

Dedico meus sinceros agradecimentos a minha mãe, Silvia Regina, por me apresentar a escrita, ferramenta de transformação que me acompanhou nos caminhos literários da criação desta obra.

Um agradecimento especial a minha bela esposa, Adrielle Figueiró, pela inspiração, pelo acolhimento singular do seu colo e por incentivar a poesia que transborda em mim. Agradeço imensamente a Rachel Nascimento pelo cuidado em ser a primeira leitora de meus escritos.

Prefácio

A obra faz transitar pelo psíquico, corpóreo e contexto social da autora. Essa poética nos faz refletir sobre as concepções de humanidade experimentadas por cada um de nós, inseridos na complexidade desse grande mistério vital.

As poesias percorrem sensações, desejos, desastres, afetos, desafetos, racismo, sexismo, classismo e lesbofobia que atravessam toda a sociedade, provocando ódio e desejo de transformação. O prazer de dois corpos unidos e a urgência do amor como forma de superação das violências diárias.

A autora incentiva uma constante metamorfose evolutiva, provocando os leitores negros e não negros a confrontarem sombras internas e externas. Faz enxergar através de suas lentes formas outras de ser, estar e viver em meio ao caos (in) consciente e proposital de domínio de uma única raça. Trata da sua relação com o cosmos que a cerca e que a faz tornar-se quem é: uma pessoa de luz com as suas trevas.

A obra mostra uma superação diária. Um ser que se cura e curte em todos os cenários de sua vida. Faz renascer a fênix usando o seu próprio elixir. A arte de versar sobre o padecimento, a euforia, o prazer e o ativismo.

O livro mescla amor, ódio e revolução, permitindo que o nosso lado sombrio, espelho apresentado a partir das desigualdades sociais, questione quem realmente somos. Convida a fazer florescer, do sofrimento, mais atos de amor.

É fazer do sexo a fraternidade, da agonia do enlouquecer a poesia de libertação. É transbordar a obscuridade em bem-estar. É saber que todos nós temos um demônio e um deus e escolhemos qual queremos potencializar. Faz-nos perceber que precisamos de ambos para evoluir e sentir o mundo e que não há vergonha alguma quando a tentação grita.

“Sou” retrata a morte constante de uma mulher negra que vive e declama a corpórea aflição de viver no óbito e transcender o óbvio.

Ana Carolina Nascimento da Rocha

SUMÁRIO

/ – /ê, 18

AGNES MARIÁ, **19**

CUIDA.DOSA.MENTE, **24**

SER E ESTAR, **25**

LEVANTE, **27**

FORÇA DA NATUREZA, **29**

CANETA DE CONDÃO, **31**

ADEUS À INOCÊNCIA, **33**

FÉrro, **35**

MEUS PASSOS VÊM DE LONGE, **38**

CORPO QUILOMBO, **41**

II - III, 43

SILVIA REGINA, **44**

TOLICE, **48**

PASSEFICA, **49**

PARTIDAS E CHEGADAS, **50**

SOLO FÉRTIL, **52**

LIBERDADE PERPÉTUA, **54**

LENTA COMBUSTÃO, **55**

ENROLADA, **56**

CRIME PASSIONAL, **57**

CORPOS MINADOS, **58**

BEIJOS NÃO SÃO PROMESSAS, **60**

ARESTA, 61

A LIMPO, 63

SOMA, 64

ADEUS, QUERIDA, 66

BAÚ, 68

SILUANA, 70

PENSAMENTO VIAJA, 72

AMORTICÍDIO, 74

CARTAS PARA UM AMOR, 75

CAIU A LIGAÇÃO, 77

ARRUDA NO BEIRAL, 78

III – ZAMI, 80

OXUM E OBÁ, **81**

NavEgo, **83**

VIRA-LATAS, **85**

PARA NADA, **86**

QUERUBIM, **87**

N – UBUNTU, 88

LUTO, **89**

HOSPEDEIRAS, **92**

FILHA DO SOL, **95**

FARTA, **97**

UM POEMA QUE NÃO FALASSE DA DOR, **98**

RACISMO, **100**

TERRORISMO LÍRICO I, **103**

TERRORISMO LÍRICO II, **105**

1 MINUTO DE SILÊNCIO, **107**

NEGRA, **108**

MÃE PRETA, **109**



1
11E

SOU

Agnes Mariá

Meu nome é Agnes Mariá
com G mudo
como magnífica
e com acento no último A

Porque minha mãe quis assim
E, depois, foi como me determinei a carregar

Meu nome composto
minha história componho
Realizo sonhos
Porque sou assim
Sou dona de mim

E eu sou cheia de querer

Sou o que eu me permito ser
Logo, sou o que quiser

E eu quero tudo!
mesmo que esse tudo
seja tão pouco pra mim

Dentre as flores do jardim
comigo-ninguém-pode

Sou preta
poesia
mulher
Só(u) beijo molhado quem eu quiser

Beija eu,
beija eu,
beija eu

Me beijo
Me abraço
Me como
Me toco e me deixo tocar
bem devagar pra de mo rar

Pra me derramar me entrego
e no caminho perco o juízo
Me perco,

SOU

mas sempre me acho
pois me conheço e me sinto

E sinto muito!
Então me perdoo
E sem ensejos me deixo sentir
E me
deixo

Levar?
Só o que for meu
mesmo que eu seja nós
Não desato

Há tanto tempo?

Engasgo em nós que me enredam
Porque me permito
Me testo
e conheço meus limites
Para poder me preservar em mim
meu meio ambiente
natural na mente

Me regando todos os dias pra *negrorescer*
Meu eu-mulher

Me fortalecendo nas minhas raízes
Me aquilombando na minha nação interna

E em épocas de tempestade
RELAMPEJANDO FORTE E ALTO COMO
QUEM ANUNCIA RAIOS E TROVÕES
Para então chover em mim
atrás das nuvens

Tenho os pés no chão
No peito partido um coração
Asas na imaginação
E de herança a poética inquietação

Diante da perversão humana eu *Versus*
Bato de frente de frente
de costas quero carinho,
quero cafuné,
quero uma massagem
Passageira, não tô de passagem

Sou porto seguro,
Porto Alegre numa tarde no Rio
De Janeiro a janeiro

SQU

Serei uma incógnita com G mudo
Mas serei de verdade.

Cuida.dosa.mente

C u i d a d o s a m e n t e
a poeta escolhe a ferramenta

M i n u c i o s a m e n t e
sua mão se m o v i m e n t a

E
desfere,
sem clemência,
no papel,

re
ti
cên
cias . . .

SOU

Ser e estar

Uma incógnita
Não tente decifrar
Entenda que sou livre o suficiente para vagar
entre o ser e o estar

Intensa e profunda demais para sentimentos rasos
Raiz forte que não cabe em vasos
Amor se dá à vista
confiança, a prazo
protegida pelo acaso
sou Pégaso, alado
difícilmente domado
dadas as circunstâncias

Gosto do dentro, do fundo
Do que se oculta aos olhos
mas é palpável a alma
Transbordo paixão que deságua
afogo mágoas
afago âmagos

Sou feita de afeto e poesia
Poeta de musas à noite
Musa de poetas de dia
Fiel somente às minhas
vontades e desejos

Não renunciarei nenhuma parte
Nenhum pedaço
Não vou corresponder às suas expectativas
Não vou me encaixar nos seus padrões
Não vou me anular por um só segundo para agradar

Sou meu ilê
Meu templo
Meu porto seguro

SQU

Levante

Muito mais do que olhos podem ver

Tipo Exu existir

E isso independe de você crer

Sem expectativas corresponder

surpreendo

Inesperada

Imprevisível

Incalculável

Mudo

Me trans

for

mo

Formo opinião

E não me calo

Obstáculos,

escalO

Armadilhas,

não caio

Na missão,

não falho

Do **foco**,

Não saio

Trago mais um

Abstraio

Mas não me abstenho

Carrego fechado o cenho

o corpo

a guarda

E aguardo

Em ativismo constante

a hora do levante

SOU

Força da natureza

Sobre minha história
me permiti a escrita de mão livre
Consequência dessa tal liberdade que tenho
experimentado intensamente
Saboreando essa da qual já fui privada outrora
no cárcere
nas relações afetivas
nas relações profissionais
nos meus medos
nas minhas inseguranças e receios

Hoje, sou uma mulher livre
Meus ancestrais lutaram e morreram para que assim fosse
de lança, martelo e foice minha geração luta e morre até
hoje por essa liberdade
Liberdade de ser, estar, poder, sentir, querer e não querer

Sou nuvem que dança imprevisível no céu
ensolarado de domingo ao amanhecer
Livre o bastante para decidir como, quando,
onde e com quem ter

Livre para tudo querer
Livre para amar a todos que me atravessam fazendo
cócegas nas paredes do meu ser
Sou livre para ir e vir
do Oiapoque ao Chuí

Guiada pelo romantismo poético e esse meu coração arteiro
Sou livre para ser poesia, poeta e inspiração
Para viver mil e um poemas de paixão
Para me permitir e para determinar quando basta
Sou mata vasta
força da natureza que alastra
porém é só minha a decisão de queimar ou aquecer.

Caneta de condão

Tá tudo bem, eu sei
é difícil explicar o que muitas vezes não tem explicação
sentir-se mal por não conseguir se sentir bem
contradição
Querer ser visível
ao mesmo tempo querer sumir igual padre no balão
na busca da direção
uns se perdem por cordão
outros com a corda no pescoço estão
Eu, poeta
faço da caneta condão
traço um novo caminho,
li ber ta ção
Meus poemas
oração
orientação
para os milhares de obstáculos que surgirão
Mantenha os pés no chão
e atenção

com o vão entre o que é real
e o que eles dizem que são
escuros
estamos fora do padrão
Caber?
não faça questão
No que te faz feliz
busque evolução
Cuide do seu *orí*
percepção
cautela com o que não se pode ver
no mais é dedução
Silenciar a mente
ouvir com o coração
intuição não falha
vigie!
é um monte de pequenas folhas que entopem a calha
e a casa alaga
não esqueça
seu templo é sua morada.

SOU

Adeus à inocência

Árvore enraizada na minha própria sorte
sou fera
ferida exposta
sangue e corte
Sou a morte dos meus
o adeus à inocência
Sou pele preta
essência que pulsa
Sou punho cerrado
brado retumbante
ecoando na base dessa estrutura
tanto bate até que fura
Mestra sem cerimônias e diploma
Poeta graduada na rua
A arte cura
cria na atividade
criatividade
poesia em mim faz p(arte)
palavra que invade

chave que abre por dentro
Filha do mensageiro
sempre em movimento
Sou fenda aberta que só o afeto sutura
cabelo crespo
pele escura
de branco só o osso
nem o globo do olho
do tipo carne dura
ativista na atual conjuntura
Não creio em promessas
tampouco faço juras
o juro é alto
assim como o preço que pago
por querer ser livre

SOU

Ferro

Não peço licença
Não baixo a cabeça
Não vou deitar
Sou forte e fria como ferro e nunca vi ferro envergar

Quem me vê verá
Só rendo homenagem e bato cabeça para meus orixás
E deixa eu te falar o que cê já deve ter ouvido falar
Eu sou tão revestida de axé que faço o *sete pele* recuar

Filha de Obá vim pra tumultuar
Faço arte com poesia, sou *Basquiat*
Verso em códigos não tente decifrar
Minha lírica é incógnita tão complexa quanto a
fórmula de *Bhaskara*

Verdade paira
caem as máscaras
Se não há um inimigo interior
O que vem de fora não a(bala)
De ferro ou prata que possa me matar

E o que não mata, sara
Saravá!

Quem de ferro é feito com ferro não se pode derrubar
Foram altas temperaturas e muita porrada pra essa
armadura de ferro forjar
E dói, dói muito!
mas eu tô acostumada a não chorar
E com cada vez mais ferro me blindar

Ferro
Como o que na senzala nossas costas marcava
Ferro
Como o que nos grilhões dos pés e mãos nossos ancestrais
arrastavam
Ferro
Como o que nosso crespão alisou e o couro cabeludo
queimou em brasa
Ferro
Como o que até hoje a pele preta enjaula
Ferro
Como aquele que quando não nos mata...
Nos faz matar

SOU

Então vai, vai, vai que eu tô armada...
De palavras pesadas como ferro.

Meus passos vêm de longe

Só berrei porque a luz fez doer meu olho
nasci com a cor dos que dão no couro
em seguida engoli o choro
e me acalmei sem colo
Só de ter nascido quebrei o protocolo

De buceta, carne e osso
desobediente desde o útero
depressão
pós-parto
parte o pai
pobre mãe

Pedindo proteção aos pais,
mais uma vez ela ora
chora
e implora
que uma infecção leve o bebê embora

SQU

Embora não tivesse condições
deu as condições que pôde
e como pôde sustentou duas filhas e o peso do mundo
nas costas
quando o mundo deu as costas

Seguiu em frente com uma cria nos braços e a outra pela mão
limpou chão para que tivéssemos teto
e quem diz que saco vazio não para em pé
não viu a senhora largar deitado o tarado que tentou nos
passar a mão

Foram-se os anéis pra não atrasar os aluguéis
os móveis em troca de pão
e a dignidade em troca de morada
nossa casa parecia uma cabeça vazia

Sob o mesmo teto o diabo residia
a cama com a senhora dividia
lhe espancava e ria
e a senhora apanhando calada pra não assustar as cria

E hoje em dia quando penso em desistir
lembro de tudo que a senhora passou para nos trazer até aqui
Foi *Cortiço*

AGNES MARIÁ

Quarto de Despejo

e litros, e litros de *Insubmissas Lágrimas*

Mesmo passando por tudo isso, mãe

foi contigo que aprendi a amar nossa cor

A cor da ternura

SQU

Corpo quilombo

Visto meu negro manto feminino
Vestido de pele e alma
Sangue, cor
Arrepio, suor
Dor e prazer
a mim reservo o direito de ser ou não ser

Sou o y da questão
Tesouro marcado com x no mapa
No disfarçado um tapa
Dos pés calejados à cabeça de crespos enrolados
Meu corpo-quilombo é um poço

Sacro, profano
da liberdade, um esboço
oceano de gozo
que me afoga e transborda

Deusa de ébano
pelo falo intocado

AGNES MARIÁ

Mundano

Inundado ao simples toque feminino
cartesiano

Fonte de beber que deságua em si

Enchendo a boca d'água



//
HÉ

Silvia Regina

O que começa termina
Inspirando a rima
chega chegando, domina

Dos olhares é ímã
Cabeças ela vira
malandro assobia
Dos pés à cabeça arrepia

As mulheres admiram
das crianças é a tia
Fantástica, famosa, família

Nome composto
bom gosto, requinte
Montada na águia ela é bamba
samba, closet, suíte
No sorriso traz o “it”
Não aceita palpite
vive como decide

Alto potencial, não há quem duvide
A *la* Dandara, Aqualtune, Afrodite
Acredite! Ela é absoluta!
Fã de uma disputa
E não foge à luta

Regida e guiada pelo dono da Lua
Segura
Sempre bem acompanhada pelo povo de rua
Tem estrutura, nota-se na postura
24 hs por dia andando como modelo que desfila alta costura
Beleza pura
a pele escura
In Natura

A Preta é praia, sol, carnaval, futebol, cultura
tão surreal que, se falo dela, você diz: Jura???

Despretensiosa, porém bonita e vaidosa
Trabalhada em brilho e prosa
Sorriso que cativa e atrai tipo erva venenosa
Sempre atenta no rebote
se “flor”, com ela ninguém pode
Balança, mas no fim levanta e sacode
Como pode?!

SQU

Um grão em terra de gigantes
se precisar alcançar sobe na estante
Estrela fascinante feito um samba dolente
Moça exigente
sempre contente, o riso não prende
Surpreende, conquista
Meio século ostentando o mesmo olhar de menina
Holofote que ofusca as retinas
Costureira tecendo os retalhos da vida
não perde a linha ainda que a felicidade não seja rotina
Eterna Arlequina
Mantém o sorriso mesmo após fechar a cortina
Sente o clima

Jorge matando o dragão
Ela, um leão por dia
Chama atenção querendo ou não
Fora do padrão
Aquela exceção
a tal uma em um milhão
Já dizia *Lino*: Musa de poema, canção
Exemplo, referência e solução
Farol na escuridão
Tipo, *Mãe Lucinda* é luz no lixo

Trabalho Solidário

Grande coração

De guia no pescoço é fé, religião

De make e salto alto, dama da noite, agitação

Santa sem batina, duvida não

E como diria Emicida:

“vai dar mó treta quando disser que vi Deus

Ele é uma mulher preta”

SQU

Tolice

Pantera negra arisca
Feiticeira que com ciúmes risca
seu ponto de pólvora
com a mesma crueldade que os beijos adoça
Afundam os pés da paixão em poças de ilusão
quem acredita que o amor não transborda
E que gaiola prende passarinho que sabe usar a porta

Passefica

Nos embalos de sábado à noite
O corpo preto dela é fonte
escorre e deságua em nós
entrelaçadas debaixo dos lençóis
Sei que já deu a hora, preciso ir embora,
mas os crespos dela me figam como anzóis

Logo eu, livre como girassóis de Van Gogh
Dentre as flores do jardim a mais perigosa,
comigo-ninguém-pode
Ah, não fode!
Vem comigo, fuge.
Sou tão revolta quanto o mar
mas com amor pode me pacificar
E, quiçá,
passar lá em casa e ficar.

Partidas e chegadas

Inconscientemente vêm na minha mente
brincadeiras e loucuras que só a gente entende
E tem coisas que cê não entende
que de repente se cê entendesse
seria diferente entre a gente
Então, se atente, menina
Nossa pele preta é melanina
Incomodará a quem discrimina
O amor que não se mede,
defina
O inexplicável não se explica,
Mas se aplica a nós
que não desatam
E hoje eu quero laços
Elos de aço indestrutível
Como pontes por onde quero conduzir meus passos
Ao lado dos teus passos
Criando espaços para que os nossos possam passarinhar
Livres a voar

AGNES MARIÁ

Como duas ventarolas que voam sobre o mar
partidas e chegadas
eu e você de mãos dadas partidas e chegadas
eu e você pela estrada

SQU

Solo fértil

Planta afeto em meu peito

Me aduba

Me cobre de dengo

Floresce por dentro

Rega com carinho esse sentimento

que dá gosto igual a coentro

Desfruta com ternura os fartos frutos desse amor

E em tempos de mal-me-quer

bem-me-queira, beija-flor

Seja como for

enfeita com teu riso meu jardim

Transpassa a casca grossa e prova a polpa doce que há em mim

Colore meus dias com tua pele-nanquim

E põe fim à estatística de dor e solidão

Então,

Segura firme a minha mão,

Mas não me impeça de voar

Se eu flor
Seja solo fértil, ar leve e mar

Me leva e eleva
Seja Rio que deságua
E me atravessa sem pressa
Que mesmo do outro lado serei Porto,
te Seguro

Com sementes de afeto reconstruo
o amor negado para nós
Nas senzalas
Nas celas geladas
Na esperança podada

Que a gente insiste em reflorestar o que a dor arrancou
De humano em nós
Reatar os nós que o racismo despetalou,
Mas não conseguiu desatar

Laços?
cultivo no teu abraço
colando cada pedaço estilhaçado pela opressão
amor, preta conexão

SQU

Liberdade perpétua

Pequeno pedaço

Afetivo laço

que a cada passo

Dado na medida certa

Faz a amizade virar liberdade perpétua

Lenta combustão

Olhos que não se encaram
verdades que se mascaram
paixões,
feridas que não saram
e se calam na boca de um antigo amor

Sê flor sem espinhos
se não, por favor não pise
na grama
na cama
na lapa
na lama

me ama
e declama esse teu medo-amor

Se tiver coragem me chama
acesa, inflama
essa ferida-paixão purulenta
que queima

maldita seja!

SQU

Enrolada

A preta deita dentro da minha concha
ergue os cachos pra eu me aconchegar,
mas só me enrolo.

Crime passionai

Novamente fui espancada
pela saudade
dessa vez ela bateu forte
me fazendo relembrar dos nossos momentos de guerra
de travesseiros que apesar de parecerem inofensivos
sempre acabavam em morte...

Eu te matando de beijos

ou

a gente morrendo de rir.

SQU

Corpos minados

Em nossas mãos coloquei pequenos elos
que reluzem sem ser ouro
engoli o choro,
entrei no carro
e fui embora

Outrora,
o mesmo coração que agora chora
numa encruzilhada da cidade baixa
foi atravessado por outro coração que não chorava,
mas também não sorria como agora

Embora tarde,
não demora
E a certa hora o cavaco chora
e os corações que um dia se cruzaram na encruzilhada
se reencontram no samba e batem descompassados
São afetos passados
Sentimentos com mandinga aguçados

AGNES MARIÁ

Porém,
corpos minados
 os corações carregam
Ciúme e insegurança os afetam,
 mas o afeto ainda é maior

Apertam-se os corações e se aceleram em todo canto
Às vezes
explodem em pranto,
mas na maioria das vezes acabam se amando.

SQU

Beijos não são promessas

Louca pelo teu carinho, nega
quero me esfregar em ti
in tei ra
te pegar pelo cabelo
arrepia teu pêlo,
te deixar em de

ses

pe

ro

E não vejo a hora de te encher de beijos
mesmo que eles não sejam elos que o tempo
fez eterno

AGNES MARIÁ

Aresta

Te vi ontem

festa cheia

você v a z i a

me causou ânsia

aquela que um dia me deu alegria

me maldiz a boca que um dia me sorria

só

fria

um dementador em busca de vida

so fri da

querendo ferir por se sentir ferida

rasgando o peito em que foi acolhida

SQU

chegadas

partidas

idas sem vindas

tempos que não voltam mais...

AGNES MARIÁ

A limpo

Passo vivências a limpo
não na esperança de revivê-las
não tenho essa pretensão,
mas às vezes sinto tanto sua falta
que queria poder errar com você de novo

Soma

Difícil controlar
A saudade querendo me matar
E eu querendo matar a vontade de contigo estar
dividindo a cama
a mesa
e o lar

Difícil controlar
Não é possível parar o tempo
e seu decorrer não pode afetar o que o afeto conseguiu juntar
E juntas, com amor, o tempo não pode afastar

E quem me dera não sentir tua falta
E faz falta
Teu abraço
Tua cabeça no meu braço
Teu olhar apertado me pedindo um pedaço
Um amasso
Confiança, espaço
Um carinho

à luz da lua
ao som de Baco, nua
me sinto tão sua e eu sou tão sua
então, por favor te peço, não suma

O amor é a cura
tanto bate até que fura
coração partido sutura
Se eu fizer um pedido,
você jura?

Me ama
Não some
Comigo soma
Mais uma
fechamos duas
Que se transformam em nós
que não desatam

Adeus, querida

Ponto final

nova linha

Segue tua vida que eu tô seguindo a minha

Traçando em outros corpos um novo rumo

Buscando em beijos e abraços o suprassumo

Se não encontro

eu sumo

Podia dissertar por horas, mas resumo

Não te contei que eu fumo

Assumo!

Porém, pago tudo que consumo com a poesia

Eu errei e confesso

Quem diria?

Agora vou embora! Bora?

Não?!

Pelo menos *entre por essa porta agora*

e diga que me adora

Você tem meia hora pra mudar a minha vida

AGNES MARIÁ

Louca vida

Já que você não pode me levar

De coração partido, chegou a hora da partida

te dei todas as chances de ser o amor da minha vida

mas a vida que eu levo

não tem espaço na tua vida

Chegou a hora

Adeus, querida!

Baú

Sem convite a saudade tem me visitado
Chega repentina
Inquieta
Hostil
Senta-se na cama como se fosse de casa
Acomoda-se
E causa incômodo
Sem modos
Sem moderação
E sem consideração me aperta o peito preto
me joga na cara memórias que arrepiam a alma
sem dó, nem calma
Traz à tona sentimentos guardados em um baú no fim de
um arco-íris desbotado qualquer
O que quer?
Não ousei questionar.
Receio que queira me ferir ou atormentar
Saudade mata, ouvi falar
Logo, preferi não arriscar
E uns versos no papel rabiscar

AGNES MARIÁ

E quiçá,
com o tempo,
ela sumirá.

Silvana

Luz na escuridão
Sorriso largo
Satélite, prontidão
Cabrocha do samba
Verdade, fé e religião
Exemplo de glórias, inspiração
Mãe dedicada, filha amada, esposa apaixonada, irmã
adorada, amiga solicitada, minha tia do coração

É carneiro
É fogo
É perdição

Filha de Oyá, não é brinquedo não
Carrega na alma generosidade
tem um grande coração
Onde chega é benquista, bem-vista
Amável, altruísta
Entre as mais belas tá no topo da lista
Na bagagem um quartel de conquistas

S I L U A N A

7 letras

7 saias

Assim como 7 eram as artes

7 as ciências

7 eram os sacramentos

7 pecados capitais

E 7 eram os pedidos expressos no Pai Nosso

Eu só faço um

Nunca deixe de brilhar!

SQU

Pensamento viaja

Para afrouxar o nó da garganta aperto mais *um*
se me distraio pensamento te alcança ao som de *Youn*
Querer você por perto já é comum
assim como a beleza é nata das filhas de Oxum
ou o ímã que minha mão tem com seu bumbum

Coração acelera quando te vejo
mas quanto tempo não te vejo
saudades aumenta o desejo
Desejo aumenta a vontade
bate o desespero e mais uma vez pesquiso o preço da passagem

Viajo!
distância é foda, nega
faz a gente pensar bobagem
mas lembrar você naquela lingerie branca é minha melhor
paisagem

Passe o tempo que passar
a melhor versão de mim ainda é a que enxergo no fundo do
teu olhar

AGNES MARIÁ

deixa estar! que o que é pra ser vigora
tarda, mas não demora
sem hora, nossos corpos entrelaçados até altas horas
e o peito que hoje chora de novo vai sorrir

Amorticídio

Você pode me odiar
Mas a verdade é incontestável
Te dei de presente
O seu maior bem:
A liberdade
Verdade seja dita
O amor assassinado
E do sangue escorrido
No solo-coração sagrado
Que brote afeto
Inesgotável
Enraizado nas profundezas do todo
Afinal, o amor morre,
mas não mata

Cartas para um amor

Para mim as coisas mais valiosas ainda são de graça
Beijar tua boca com gosto de araça
Caminhar de mãos dadas na praça

Embalar a rede só pra te ver fazer pirraça
Dormir embaraçada nas tuas pernas que me entrelaça
virar a madrugada fazendo dos nossos corpos
maria-fumaça
Ou percorrer tua geografia levando mais tempo que
Odisseu a Ítaca
Até que te satisfaça

Bate
morde
embrasa
Enquanto uns querem acordar o prédio
A gente quer fazer da casa chalaça

Pedra e vidraça
Presas e caça
papel e traça

SOU

Te abraçar e dizer que a vida sem você
não tem graça

AGNES MARIÁ

Cain a ligação

Eu ligo, ela não atende
eu não atendo quando ela retorna
ela liga de novo e eu não vejo
eu me percebo e ligo de volta,
mas ela já não liga mais.

SQU

Arruda no beiral

Fazer uma grana pra gastar com ela na sexta
passar na distribuidora antes pegar uma cerveja
kit mídia pronto vou correndo buscar a preta
Toco o interfone e a voz sorridente do outro lado diz: Entra!

Subo a escada, te encontro no pé
E dos pés à cabeça o clima esquenta
Frio na barriga
no peito o coração batendo a 150

É que, desde a primeira vez que te vi,
seu axé me atenta
E quem tenta entender não compreende
Que bicho que nasce solto,
Quanto mais solta, mais se prende

Aprendi que tudo nasce para ser livre
amor não privo
Exu me livre
E sempre me ensine

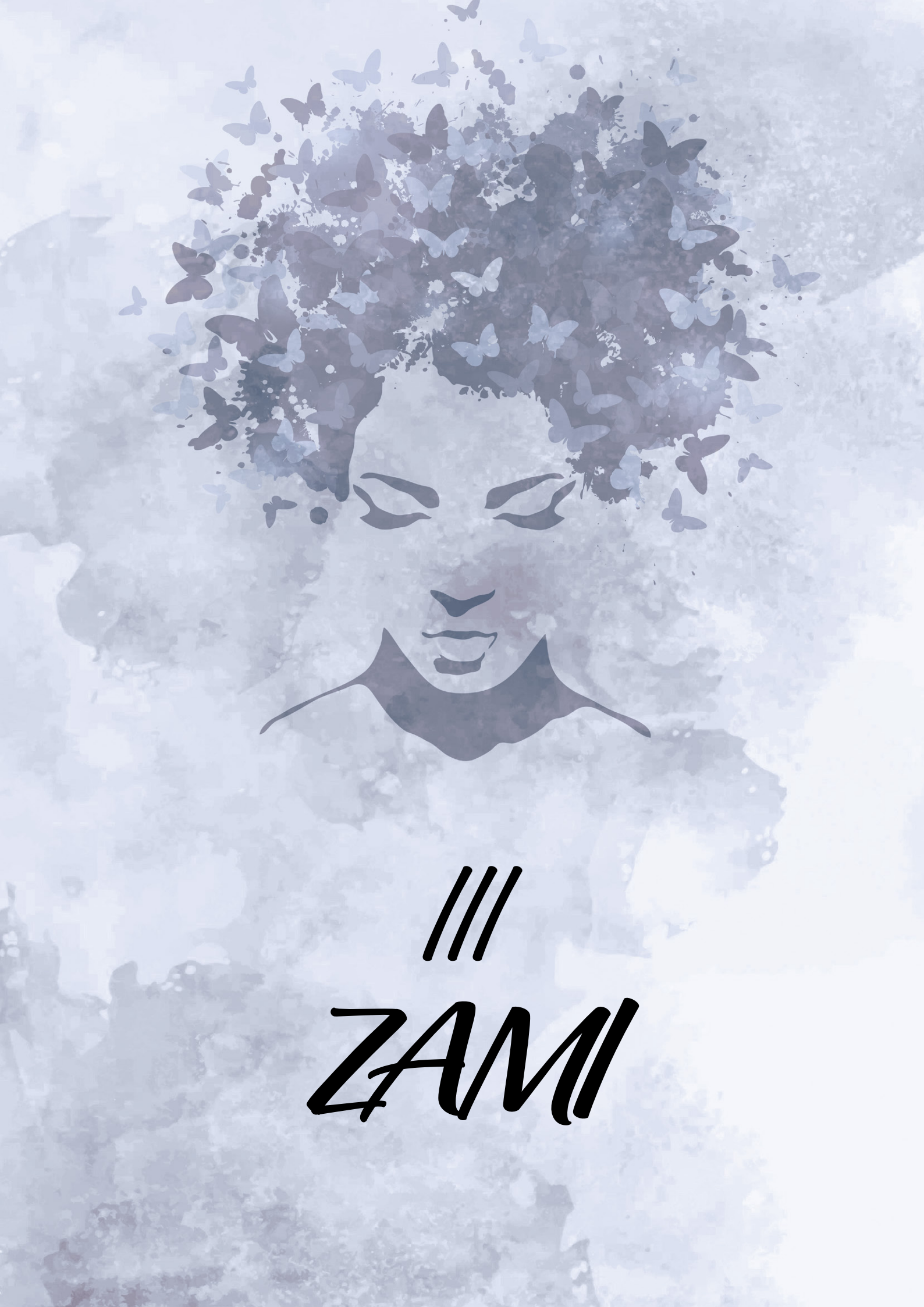
Amar é protagonizar nossa própria história
Dando um final feliz, tipo *Rafiki*
Não vou pedir que fique
Mas se for embora vou atrás

Aliás, te vejo lá na frente
se fecho o olho enxergo um futuro pra gente
merecemos o mundo
nosso amor é exigente

Eu, aluna, ela docente
aprendendo na complexidade
nossas diferenças e afinidades
alicerçando nosso afeto na cumplicidade

E dita seja a verdade
o ciúme o amor afugenta
a felicidade atrai inveja
mas arruda no beiral contra todo o mal
funciona como água benta

Benditos sejam nossos dias
e bem molhadas nossas noites
que assim seja!



///

ZAMI

Oxum e Obá

Nossos corpos deságuam
aos montes
por onde se percam,
se encontrem
No fim da cachoeira
no teu sorriso
na linha do horizonte
onde o sol se esconde

Aparece à noite
seu dia me conte
não me contém
me expande

Que a estrada é caminho pra inventar
pretexto para contigo estar
na cama
na mesa
no banho

Ou nosso lar

Sei lá!

A ti molhar inteira

beira de nós duas molhadas

Na cachoeira

reconcilia Oxum e Obá

pele na pele a brincar

Nosso riso feito dança

Adoça

de um lábio a outro

E o desejo nos olhos

Vira correnteza

Rompe a represa

Escorre entre os dedos

Suga cada gota de mim

(Terremotos dentro)

Nua

De corpo e alma

Deságua no seu mar sem fim.

SOU

NaiEgo

Incompreendida por compreender que não se prende o amor
Somos livres para compor e decompor
Em versos
expresso o que por vezes no olhar entrego
Trago sim na boca um beijo molhado sabor sexo
Não nego

Pego quando quero
quando não quero, não pego
E querendo pego com força
Me apego
Marinheira de tantas viagens
corpos-mares navego

Rara, não rasa
Mergulho
Intensa, vou fundo
com consentimento enterro
A outra mão na boca
calo o berro

Gozo escorre sem falo
Nem ferro
Deixo escapar entre os dedos
Desejo
No corpo negro carrego
Chagas
Chamego
Afeto

Transbordo paixão
No sexo feminino inquietação
Não pulsa
Lateja
Coração na mão
Outrora
Arrancado do peito pela solidão
Imposta pela condição
De ser mulher negra

SQU

Vira-latas

Senti no beijo dela a vontade que não se media
tampouco se policiava

amiga da minha mulher
a preta me olhava
como se já me tivesse,
e em tese não tinha,
mas poderia
bastava querer
e ela queria

ali mesmo na esquina
em frente ao salgado de um real
no coração da Lapa
nos atracamos feito cadelas vira-latas
de lata
e sem coração

Para nada

Nossos corpos em harmonia
E nessa evolução a apoteose é a nossa próxima parada
Mas para nada
Eu, fogueira, ela lenha que em brasa
incendeia a barraca que estava armada
E me faz refém sem tá amarrada
E tá amarrado! Todo sentimento que não for puro e livre de fato
corpos e versos em contato
sem hora marcada
sempre atrasa a chegada
Me perco nos teus cachos, e a areia da ampulheta dispara
E tu diz: para!
Mas para nada...

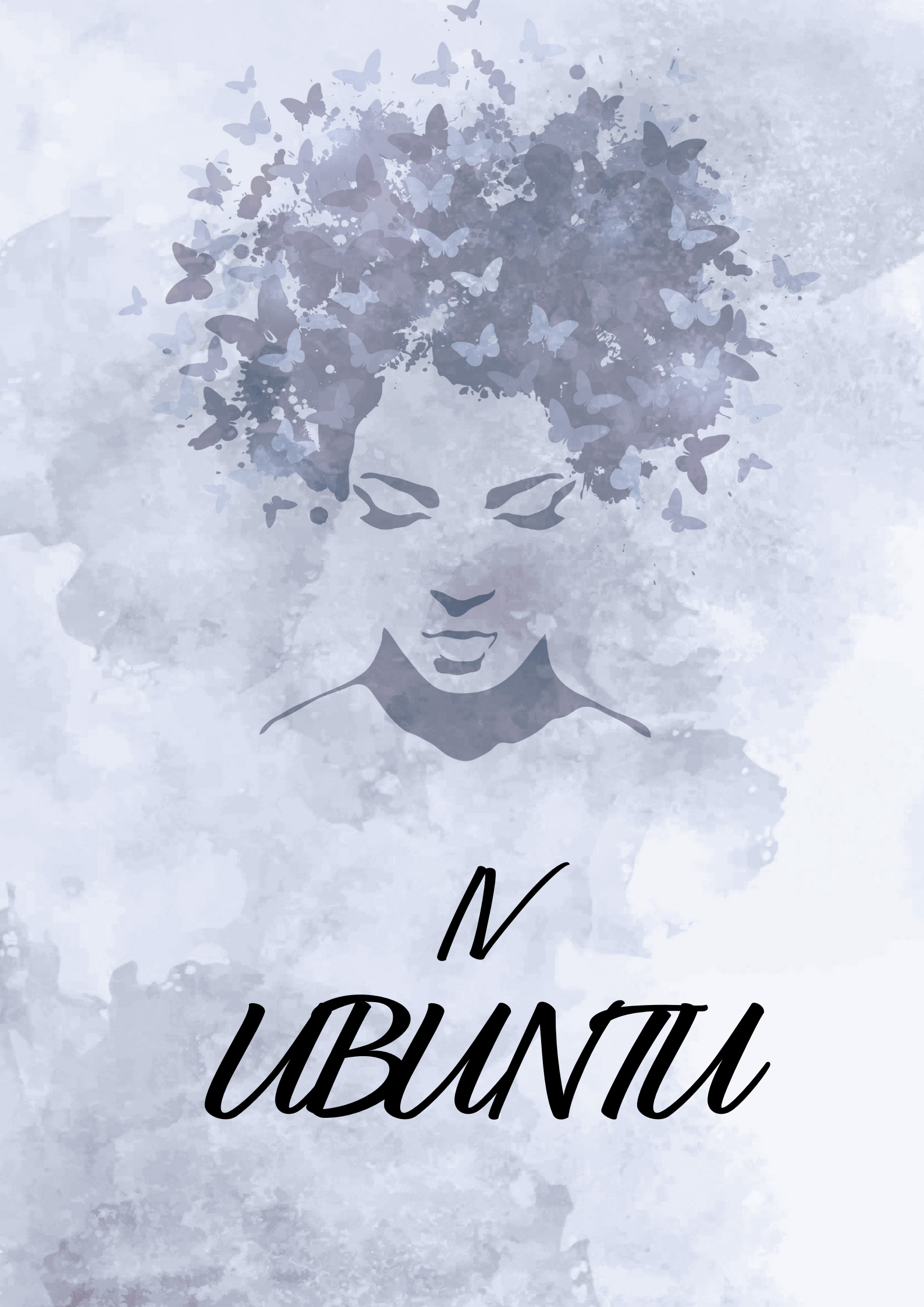
Querubim

Entro mesmo sem ser convidada
chego sem data, sem hora
marcada, como pegada na areia te deixo
se percebo que minha boca é objeto do teu desejo

bagunço tudo, faço ventania no peito
mesmo ausente me faço presente no leito
teu santo anjo, protetor
contigo me levanto e me deito

teu corpo, minha prece
e sem pressa ajoelho
rezo o terço
n'água benta molho os dedos
e com as duas mãos juntas faço meu apelo

coloco minha boca no pelo de onde for
se for pra te dar prazer
me satisfaz satisfazer o seu,
preta, o prazer é todo meu



N
UBUNTU

Luto

Constrangedoras permissões negadas diariamente
Corpos de mente doente
Que fecham olhos, cerram dentes
E aos berros destilam veneno feito serpentes

São mãos de gente que se erguem para tapar a boca de
famintos recém-nascidos que esperneiam
em verso, prosa e canção
É a reexistência de um povo
Admirável (i)mundo novo que desumaniza
Questão de tempo
É a cada vinte e três minutos ser ceifada uma vida

Preta, preterida
Pretaessência que carregamos nas artérias de África à diáspora
Tem dor, sangue e suor negro na massa que amassa
Que edifica prédios e casas que construímos,
Mas acessamos pela dependência de empregada

Correntes e grilhões substituídos por carteiras assinadas

A sentença é anunciada

A Previdência privada

E a senzala moderna tem um domingo no mês

Uma folga na semana

E no fim do ano cesta básica

A regra é clara

A exceção escura

E assistência social falta

Aqui se faz e a mão de obra que se paga é barata

Cara gente branca,

facadas forjadas não matam a fome que nos mata

E morre pela boca quem acha que a chuva ácida que cai
lava a alma

Quem tá na chuva muitas vezes não tem casa,

Mas tem cara e coragem

De sobra, quem vive sufoca em ódio

O amor aqui vende-se em pinos, garrafas e tem efeito
alucinógeno

Pra amenizar eu poderia até falar da paz

mas ela passou vestida de preto e foi assassinada pelo capataz

E aqui mais uma Ágatha jaz

SQU

É branca a paz
Pretos contamos os corpos
E marchamos por justiça com vela e cartaz
Mães de maio chorando inteiro o calendário
Enquanto milionário compra praia para inocência
morrer refugiada
Verdade é paia!

Me mata ver minha gente morrendo sem nada
cada enquadro ainda é nas costas uma chibatada
cada porta fechada ainda é cela trancada
cada injustiça é abolição disfarçada
Estamos em perigo
A arte foi criminalizada
E querem impedir o avanço civilizatório desse país
Por isso que pra nós luto sempre foi verbo.

Hospedeiras

Hospedeiras da vitalidade que nutre o mundo,
Carregamos a fertilidade
no útero profundo
Ser de outro mundo
E ter que pertencer a este
Patriarcal
Padrão
Moral
Que abusa,
Violenta e estupra
Bate na cara,
chama de puta

Em casa
No trabalho
Na rua
Se sente insegura
Teme violência, humilhação
Desemprego e viatura

SOU

E atura
a dita vida dura
De ser mulher
Mãe preta
Mãe solteira
Mãe sozinha
Mãe dos netos
Mãe dos irmãos
Mãe de coração
Mãe de afeto

Homens são de Marte
Mulheres são de ferro
A fenda aberta expressa
É forte o feto e a falta afeta
E falta amor,
falta carinho,
falta respeito,
faltam direitos
e cuidado
E se eu disse falta é presente não passado

Eu sinto latente
E o machismo segue atrasado
E eu disse cuidado! Não falta!

Então baixa o tom
baixa a mão
E baixa a cabeça
Se é sem carinho
Vai ser sem gentileza
Viemos quebrar as taças e colocar a mesa
Com suas cabeças de sobremesa
Somos caçadoras, não mais suas presas
E aquelas que estão presas
liberdade, justiça e sanidade
A cabeça erga para ter certeza
que não cairá a coroa da nossa realeza ancestral
Não derramaremos mais uma gota de sangue a não ser
menstrual

E acostumem-se a ver nossos corpos na política,
No judiciário, na educação, e não só no carnaval
É pena capital para estuprador
E comprimido duas vezes ao dia para alienação mental
Meus versos são um prático manual feminino de p(ódio)
Não seremos mais interrompidas na busca
do que por direito é nosso.

Fé na revolta!

SQU

Filha do sol

Chora não, nega

Que a cada lágrima tua meu peito arrebenta

Rasga a alma e o coração não guenta

Teu pranto é o calcanhar de Aquiles das mais bravas guerreiras

Me fere quem te fere fazendo teus olhos corredeiras

que deságuam nessa maré de fingir não se importar,

mas não esconder o que transparece no olhar

Deve ser o mel d'Oxum que tuas palavras vivem a adoçar

A paciência concedida por Iemanjá que te ensina o
momento de calar

Com a sabedoria d'Ogum que te faz refletir

Para com toda sagacidade de Oyá resolver

Por ora,

meia-volta, volver

Depois vai lá ver

Agora,

sol quente pra esfriar a mente

e só quem é filha do sol entende

AGNES MARÍA

Veneno só faz mal se engolir
E nós nunca fomos de engolir sapo,
mas cuspimos
borboletas.

Farta

Farta
das ideias erradas
das desculpas ensaiadas
das piadas sem graça
das abordagens equivocadas
das execuções sumárias
das balas perdidas na nossa pele pelo legista encontradas
Farta de sangue, suor e sofrimento negro adubar a pátria
amada idolatrada
que há tempos não salva nada
nem ninguém.

*Um poema que não
falasse da dor*

Eu queria fazer um poema que não falasse da dor
mas me causa tormento o menor dormindo ao relento
falta assistência,

sobra argumento
da direita para esquerda,
do problema, somos o centro

Eu queria fazer um poema que não falasse da dor
mas nas valas corpos negros a decompor
e compor celas
choros, sirenes, velas
velhas histórias na memória de um passado-futuro tão recente

Eu queria fazer um poema que não falasse da dor
mas os meus não estão presentes
suas ausências são recorrentes
e os que aqui se encontram possuem correntes
na mente

SQU

Eu queria fazer um poema que não falasse da dor
mas a solidão que carrego da cabeça aos pés me acompanha
por onde for
efeito da cor

Eu queria fazer um poema que não falasse da dor
mas se eu não falar acreditarão no que mostra a televisão

Eu queria fazer um poema que não falasse da dor
mas a liberdade é uma luta constante
e nesse instante me revolta a mãe que chora
a morte de seu menino que se foi antes da hora

Eu queria fazer um poema que não falasse da dor
mas somos ensinados a odiar nossos traços, alisar nossos
embaraços
e o padrão normativo seguir

Eu queria fazer um poema que não falasse da dor
e um dia vou conseguir, mas hoje a dor impera
E eu preciso falar nela

Racismo

Sabe o nome disso?

Que faz querer desaparecer, tomar chá de sumiço?

Que faz desacreditar em tudo que acredito?

Que me violenta a ponto de fazer eu não querer continuar existindo?

Que faz rir a todos, mesmo quando eu não estou rindo?

É racismo

RA CIS MO

É o nome disso

Disso

que nos faz querer desistir,

Fugir

Sumir

É banzo!

Racismo!

SQU

Não quero mais estar aqui
E diariamente o racismo me faz querer desistir
O racismo mata
E um dia vai me matar,
fazer com que me mate
Ou de novo me negar humanidade
me colocando atrás das grades

Um dia o racismo vai me matar,
Porém esse dia não chegou
hoje vou vestir o melhor sorriso
Com pente garfo deixar o crespo erguido
assim como o queixo

Os olhos nos meus
Os pés no chão
Corpo fechado
aberta à escuta
Fé na revolta
e vou à luta
vou me encarar no espelho, espelho meu
e me perceber
ver que não tem nariz mais lindo que o meu
não tem beijo mais lindo que o meu
não tem sorriso mais lindo que o meu

AGNES MARIÁ

não tem traço mais lindo que o meu
não tem cor mais linda que a minha

Visto isso,
vou vestir meu manto negro de carne,
osso e vivência
e sair na rua ostentando toda negritude
que mãe África me deu

SQU

Terrorismo lírico /

E, quem diria, eu de letras contando a história que nunca foi contada?

Nós não somos descendentes de escravos, mas sim de reis e rainhas escravizadas

A quem possa interessar filha de Obá

E se com um ano de idade eu já sabia falar

Acho difícil a essa altura alguém conseguir me parar

É que eu sou tão letras nesse mundo de números,
que linhas não podem me limitar

A minha poesia transborda

é mil treta

Ancestralidade preta

Afronte e resistência

Que ensina as minas a usar a astúcia e não as tetas

E não é à toa que *na pegada do bambo, bambo, do bambo do bambolê*

Eu era a única que não segurava o *tchan*, mas já sabia ler

Eu sou a tal magia negra que você sempre ouviu falar, mas não teve a oportunidade de ver

É Agnes com G

Shhh...

mudo!

Por isso eu verso

E licença poética eu não peço

A minha voz é meu ingresso

E vivência prática e o sangue que escorre da caneta em cada
um dos meus versos

Por que aprendi com o coletivo que a poesia salva vidas se
poetas unem versos

E nesse mundo perverso

Eu sou tão revestida de axé

Que de manhã quando eu ponho o pé no chão

O diabo diz: “cruz-credo! Vai de retro”.

Mas eu vou de rima

A minha poesia inspira, comove, contamina

Eleva a mente e a autoestima

Transformando os menor que era vapor em escritor de poesia

Eu sou exceção que a regra não explica.

Terrorismo lírico //

Abracadabra!

Poetas vivos fazendo mágica

Com canudo na mão fazendo o que cês não esperavam

Entrei pela porta da sala de aula, tomei, e cês nem viu nada

Ia ver como?

Senhorita Morello sempre ocupada demais

Com as coisas mais banais, das quais não é capaz de entender

E vai entender pra quê?

Economiza o raciocínio acreditar no que eles falam na tv

Sobre o jovem?

não é sério!

Sobre feminicídio?

não é sério!

Sobre racismo?

não é sério!

Sobre homofobia?

não é sério!

É sempre *mimimi!*

Tudo é questão de perspectiva até que o copo meio vazio
de alguém transborde com toda essa violência e chegue a ti
Pare pra refletir!
E escute o que tem aqui:
(*Batida no peito*)

Não basta resistir, temos que revidar
Precisamos nos unir pra (re)existir
Somos Poetas Vivos e estamos aqui

Nós somos a exceção
A contraindicação
A voz que grita “*eu amo vocês demais mesmo sem saber
quem vocês são*”
porque sei que andar amado é direito de todo cidadão

E se os resistentes também amam
Amai-vos uns aos outros, e sejam fortes
já que amar em tempos de ódio é intervenção
provocação
Contra todas as formas de maldade
subversão
Subvertam-se, irmãos, e amem
sem acento.

SQU

1 minuto de silêncio

A luta antirracista é alvinegra
Não somos alvos negros
Não somos negros alvos
não estamos a salvo
então, salve-se quem puder!
nesse derramamento de sangue rubro-negro.

AGNES MARIÁ

Negra

Sangra
 todo mês
 na primeira vez
a cada vinte três.

Mãe preta

Sentenciada também no berço
Ora agora a mãe preta o terço
Crente,
desde cedo ciente
de que o racismo quando não mata
adoece a gente

Imediatamente,
mediante o resultado
objetos pontiagudos e seu útero começaram a entrar em
contato
contudo,
sem sucesso

Passou a rejeitar o fruto indesejado
afinal,
desejada sempre fora
tinha na beleza sua alforra
almejava a mega-sena

porém a vaidade, sua maior sina
e sob essa perspectiva o feto preto nascia

Por isso mãe preta temia
O que estava por vir ela sabia
seu coração intuía

O tempo passava
O menino preto crescia
e tornou-se amor o que foi rejeição um dia
por isso mãe preta temia
O que estava por vir ela sabia
seu coração intuía

O tempo passava
o jovem preto crescia
e no *outdoor* que não se reconhecia
estava tudo que ele queria
como a propaganda dizia
“só é de verdade quem tem”
e se não tenho vou buscar

É ferro na boca de quem tem
e fel na boca de quem quer ter
o tênis que a tv disse que é bonito usar

SOU

mas a mãe preta não tem dinheiro pra comprar
e se tivesse usaria no jantar
já que ontem deixou de comer pra nada faltar

E o pastor prega no culto que nada faltará
desde que dízimo seja pago
mas se não tem pra comer
tampouco para ofertar
Deus cobrará?
Mãe preta resolveu arriscar

Por isso mãe preta temia
O que estava por vir ela sabia
seu coração intuía
e no fundo,

no fundo sentia

que seu filho,

homem preto,

não mais voltaria.

